



A Ecclesiologia de São Boaventura de Bagnoregio no Hexaëmeron: seus traços na Lumen Gentium

The Ecclesiology of Saint Bonaventure of Bagnoregio in the Hexaëmeron: its traces in the Lumen Gentium

Meque Augusto Macumo ^[a] 
Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRJ)

Como citar: MACUMO, M. A. A Ecclesiologia de São Boaventura de Bagnoregio no Hexaëmeron: seus traços na Lumen Gentium. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba, Editora PUCPRESS, v. 16, n. 01, p. 170-186, jan./abr. 2024. doi.org/10.7213/2175-1838.16.001.AO03.

Resumo

Este artigo apresenta a ecclesiologia de S. Boaventura de Bagnoregio, doutor da Igreja, na sua obra *Collationes in Hexaëmeron*, e seus traços na *Lumen Gentium*, buscando assim colher as influências da ecclesiologia bonaventuriana na ecclesiologia conciliar. A ecclesiologia de Boaventura é caracterizada por ser profundamente cristocêntrica, bíblica e espiritual ou ascético-mística. Cristocêntrica (o que é característica de toda a obra teológica bonaventuriana), pois segundo ele na Igreja governa Cristo Pontífice, luz dos Povos, como dirá a *Lumen Gentium*, do qual a Igreja é como a lua que iluminada por este Sol, Cristo, ilumina, por sua vez, a todos os homens; bíblica, pois nesta obra ele compara as idades ou etapas da Igreja (desde Adão até Cristo) com os dias da criação. Para além disso, ele recorre diversas vezes à leitura simbólica dos textos bíblicos relativos à Igreja, na esteira dos Padres da Igreja; espiritual e ascético-mística, pois para ele a hierarquia celeste é iluminativa da Igreja militante. Ao celebrar-se no ano 2024 os 60 anos da constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium*, um dos documentos basilares do Concílio Vaticano II, este artigo traz a contribuição ecclesiológica deste ilustre teólogo do medievo, e demonstra como estes traços se encontram presentes neste documento conciliar, o qual se caracterizou, como se faz claro já no seu próêmio – onde se recorre a uma linguagem imagética e tipológica –, por um retorno aos Padres da Igreja e a alguns teólogos do medievo.

Palavras-chave: Ecclesiologia. Igreja. Boaventura. Hexaëmeron. Lumen Gentium.

[a] Doutorando em Teologia, e-mail: meqmacumo@gmail.com

Abstract

This article presents the ecclesiology of St. Bonaventure of Bagnoregio, Doctor of the Church, in his work Collationes in Hexaëmeron, and its traces in Lumen Gentium, thus seeking to gather the influences of Bonaventurian ecclesiology on conciliar ecclesiology. Bonaventure's ecclesiology is characterized by being deeply Christocentric, biblical and spiritual or ascetic-mystical. Christocentric (which is characteristic of all Bonaventurian theological work), because according to him, in the Church rules Christ the Pontiff, light of the Peoples, as Lumen Gentium will say, of which the Church is like the moon that, illuminated by this Sun, Christ, illuminates, in turn, to all men; biblical, because in this work he compares the ages or stages of the Church (from Adam to Christ) with the days of creation. Furthermore, he resorts several times to the symbolic reading of biblical texts relating to the Church, in the wake of the Church Fathers; spiritual or ascetic-mystical, since for him the celestial hierarchy is illuminative of the Church militant. As the year 2024 celebrates the 60th anniversary of the dogmatic constitution on the Church Lumen Gentium, one of the basic documents of the Second Vatican Council, this article brings the ecclesiological contribution of this illustrious medieval theologian, and demonstrates how these traits are present in this conciliar document, which was characterized, as is already clear in its proem – where imagery and typological language is used -, by a return to the Fathers of the Church and some medieval theologians.

Keywords: Ecclesiology. Church. Bonaventure. Hexaëmeron. Lumen Gentium.

Introdução

O ano de 2022 assinalou os 60 anos do início do Concílio Vaticano II, e o ano de 2025 assinalará os 60 anos do seu encerramento, e, durante este período, celebrar-se-ão os aniversários dos vários documentos conciliares. Entre estes documentos, está a constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium*, um dos documentos basilares do Concílio, promulgado a 21 de novembro de 1964, que completa 60 anos no ano 2024. Portanto, é um tempo de graça, assim como o foi este concílio que marcou profundamente os caminhos da Igreja da segunda metade do século XX até ao presente, que continua a definir “o que somos e fazemos como Igreja”, povo sacerdotal que crê, celebra e anuncia ao mundo a alegria do Evangelho. Assim, se um tempo de graça é motivo de celebrar e agradecer a Deus, é também motivo para continuar a estudar e aprofundar esta mesma graça que nos foi dada, para tomar cada vez mais consciência do que somos e somos chamados a ser, para que possamos viver essa alegria e também partilhá-la e “dar de graça o que de graça recebemos”.

Sabe-se que, se de um lado a *Lumen Gentium* significou um processo de renovação, doutro lado, ela, no esforço de apresentar uma ecclesiologia autêntica, voltou a fundar as suas raízes na Sagrada Escritura, nos Padres da Igreja e no perene e multiseular ensino sobre a Igreja, presente nos ilustres teólogos, santos pastores e papas, e concílios ecumênicos da Igreja ao longo dos séculos. Este pano de fundo nota-se mesmo no seu texto, conteúdo e estilo. Já no seu prólogo, recorrendo a uma linguagem imagética – onde Cristo é comparado ao sol do qual a Igreja como lua recebe e reflete a luz aos homens – demonstra um retorno a uma linguagem e teologia dos Padres e de alguns teólogos que se sucederam, entre os quais S. Boaventura de Bagnoregio (cerca de 1217-1274), bispo e doutor da Igreja. O propósito do presente artigo é apresentar a ecclesiologia deste importante teólogo do medievo na sua última obra *Collationes in Hexaëmeron* (ou simplesmente *Hexaëmeron*) e colher os traços e as influências da sua ecclesiologia na ecclesiologia conciliar.

Como de outros teólogos e escritores do medievo, de Boaventura não temos um tratado *ex professo* de ecclesiologia. Mas, na sua rica obra teológica, encontramos frequentemente a referência à Igreja, em particular no *Haexaëmeron*, onde se irradia a visão de Cristo centro de toda a criação e o princípio do conhecimento do mundo, pois Ele é o princípio e o centro que dá significado ao ser de todas as coisas (BONAVENTURA, 1994, n. 1,10). A ecclesiologia que subjaz do *Haexaëmeron* é uma ecclesiologia caracterizada por ser profundamente bíblica, cristocêntrica e espiritual ou ascético-mística.

Este artigo começa com uma breve biografia do nosso autor, as fontes do seu pensamento, as suas obras. A seguir, apresenta o pensamento de Boaventura sobre a Igreja na obra em referência. Por fim, apresenta os traços dessa ecclesiologia na constituição dogmática *Lumen Gentium*, focando-se sobre 3 aspectos: cristocêntrico, bíblico e espiritual ou ascético-místico.

São Boaventura, vida e obras

Vida, fontes e obras

Boaventura, de nascimento Giovanni Fidanza, nasceu em Bagnoregio, pequena cidade perto de Orvieto, na antiga Tuscia Romana, entre 1217 e 1221. Entre 1235 e 1243, estudou na Faculdade das Artes de Paris. Em 1243, entrou na Ordem franciscana em Paris, assumindo o nome Boaventura. Em 2 de fevereiro de 1257, foi eleito Ministro geral da Ordem dos Frades Menores no Capítulo geral extraordinário em Ara Coeli (Roma), na presença do Papa Alexandre IV. Em 28 de maio de 1273, Gregório X nomeou-o cardeal,

bispo de Albano. O mesmo papa o consagrou bispo em 11 ou 12 de novembro do mesmo ano. Morreu em 15 de julho de 1274, durante o Concílio de Lião, no fim da 4ª sessão. Em 14 de abril de 1482, com a bula *Superna caelestis patria, civitas Ierusalem* de Sisto IV, Boaventura é inscrito no catálogo dos santos e, 106 anos depois, em 4 de março de 1588, com a bula de Sisto V, *Triumphantis Ierusalem*, é declarado Doutor da Igreja (BOUGEROL, 1990, p. 9-16). É apelidado de *Doctor Seraphicus* (“Doutor Seráfico”).

A influência que Boaventura recebeu de São Francisco é muito relevante e se vê claramente nas suas obras¹. Como era uso em todo o medievo, Boaventura se serviu dos Padres e dos autores reconhecidos como “autênticos”. Este uso das “autoridades” valeu-lhe na penetração da Sagrada Escritura. Entre as fontes das quais Boaventura teve acesso, estão as seguintes: Aristóteles²; Santo Agostinho, a quem cita mais de 3050 vezes³; o Pseudo-Dionísio Areopagita⁴; Santo Anselmo, a quem cita 274 vezes; São Bernardo, a quem cita 461 vezes; os vitorinos: Hugo e Ricardo de S. Victor; os *quidam*⁵: Odo Rigaldi, Guilherme de Melitona, Alexandre de Hales, Giovanni della Rochelle (BOUGEROL, 1990, p. 37-50).

A vasta obra de Boaventura divide-se entre⁶: a) Obras Teológicas: Comentários aos 4 livros das Sentenças (de Pedro Lombardo); Opúsculos teológicos (5); Sermões teológicos (7), entre os quais *Collationes in Hexaëmeron*; b) Obras exegéticas (3): Comentários aos Evangelhos de Lucas e de João, e ao Eclesiastes; c) Sermões: dominicais; reportados; diversos; d) Obras espirituais (8); e) Obras Franciscanas (6).

Collationes in Hexaëmeron: contexto e obra

Na época de São Boaventura uma corrente de Frades Menores, chamados “espirituais”, afirmava que com São Francisco fora inaugurada uma fase totalmente nova da história, aparecera o “Evangelho eterno” de que fala o Apocalipse, que substituiu o Novo Testamento. Este grupo afirmava que a Igreja já tinha esgotado o seu papel histórico e seria substituída por uma comunidade carismática de homens livres guiados interiormente pelo Espírito, isto é, pelos “Franciscanos espirituais” (BENTO XVI, 2010).

Na base disto havia o pensamento do abade cisterciense Joaquim de Fiore (cerca de 1130 - 1202), segundo o qual depois do reino do Pai e do Filho se esperava o reino do Espírito Santo, que seria o reino de liberdade, de uma Igreja espiritual, onde não haveria mais a Igreja institucional. Com isso,

havia o risco de um gravíssimo mal-entendido da mensagem de São Francisco, da sua fidelidade humilde ao Evangelho e à Igreja, e tal equívoco incluía uma visão errônea do Cristianismo no seu conjunto [...] Exatamente para responder a este grupo e dar nova unidade à Ordem, São Boaventura estudou com atenção os escritos autênticos de Joaquim de Fiore e os que lhe eram atribuídos [...] tendo em consideração a necessidade de apresentar corretamente a figura e a mensagem do seu

¹ “Um episódio que teve lugar quando ainda era jovem marcou profundamente a sua vida, como ele mesmo narra. Tinha sido atingido por uma grave doença e nem sequer o seu pai, que era médico, esperava salvá-lo da morte. Então, sua mãe recorreu à intercessão de São Francisco de Assis, que tinha sido canonizado há pouco tempo. E João [Boaventura] ficou curado” (BENTO XVI, 2010).

² “Boaventura utiliza todas as riquezas deste observador incansável e realista das coisas, mas o abandona quando se trata de explicar o sentido religioso destas mesmas coisas” (BOUGEROL, 1990, p. 39).

³ Para Boaventura, “nada ou quase nada foi ensinado pelos mestres que não se encontre já nas obras deste doutor” (BOUGEROL, 1990, p. 40-41).

⁴ Ocupa um lugar considerável em Boaventura. Pode-se dizer que Boaventura recebeu do Pseudo-Dionísio um certo “espírito hierárquico” (BOUGEROL, 1990, p. 44-45).

⁵ Quando se lêem as obras medievais, retorna constantemente a palavra *quidam*. Estes são os mestres que escreveram um pouco antes ou que são contemporâneos de quem cita o seu nome (BOUGEROL, 1990, p. 49-50).

⁶ Sigo aqui a estrutura apresentada por Jacques G. Bougerol (BOUGEROL, 1990, p. 105-106).

amado São Francisco (...). [Ele] enfrentou o problema na sua última obra (...) intitulada Hexaëmeron” (BENTO XVI, 2010)⁷.

Esta obra é o resultado de 23 discursos que o Doutor Seráfico pronunciou entre 9 de abril e 28 de maio de 1273, tomando como exemplo simbólico os dias bíblicos da criação. É considerada por muitos a obra-prima de Boaventura (BOUGEROL, 1994, p. 7). O seu título “muda de um manuscrito ao outro. O mais corrente é este escolhido pelos editores: *Collationes in Hexaëmeron siue Illuminationes Ecclesiae*” (BOUGEROL, 1994, p. 78).

É a última obra de Boaventura, e assim “a sua morte prematura faz das *Collationes in Hexaëmeron* o seu testamento, ‘o canto do cisne’, de um teólogo preocupado em levar aos espíritos e aos corações o conhecimento e o amor do único mestre da sabedoria, Jesus Cristo” (BOUGEROL, 1994, p. 78). Porém, esta obra ficou incompleta por causa do cargo que ele teve que assumir com a sua nomeação a cardeal e por causa da sua morte, que teve lugar um ano depois (BOUGEROL, 1994, p. 8).

O público ouvinte são os mestres e os estudantes da Universidade de Paris. Paris, de fato, era o centro intelectual do mundo cristão de então. Estas *collationes* não foram escritas pela mão de Boaventura, mas foram compiladas (*reportationes*) por alguns frades que, com todo o cuidado possível, tomaram notas durante os discursos. Como diz Bougerol,

o fato do seu sucessivo empenho de rever-lhes e confrontar-lhes, com o fim de podê-los oferecer à posteridade é um indicio significativo do valor que era dado às palavras de Boaventura. Graças a eles, portanto, podemos agora [também nós] tomar lugar ao lado de fervorosos ouvintes de Paris, para ouvir da boca de Boaventura os ensinamentos que conservam ainda, na sua mensagem, uma estupenda atualidade (BOUGEROL, 1994, p. 12-13).

A Igreja nas *Collationes in Hexaëmeron*

O *Hexaëmeron*, sendo a última obra de Boaventura, colhe o inteiro pensamento seu sobre diversos temas, em particular sobre a Igreja, porém sempre em chave cristológica e cristocêntrica, uma característica de toda a obra bonaventuriana⁸. Um exemplo disto é o da obra *Lignum vitae* (a Árvore da vida), quando afirma, como que respondendo à ideia joaquimita do imperialismo do Espírito Santo, que a Igreja é presidida por Cristo Pontífice:

⁷ Porém, Boaventura não cita explicitamente, no *Hexaëmeron*, Joaquim de Fiore. No entanto, é bem patente que Joaquim de Fiore tenha motivado a obra e a reflexão bonaventuriana, sobretudo a sua visão da teologia da história, seu pensamento trinitário e eclesiológico. São Boaventura rejeita a ideia do ritmo trinitário da história. Deus é uno para toda a história e não se divide em 3 divindades. De consequência, a história é una, mesmo se é um caminho e – segundo Boaventura – um caminho de progresso (BENTO XVI, 2010). No *Hexaëmeron*, em uma clara negação da ideia joaquimita de uma terceira idade exclusiva do Espírito Santo, Boaventura diz: “Depois do Novo Testamento não haverá um outro Testamento, nem poderá ser eliminado qualquer sacramento da nova Lei, pois aquele Testamento é eterno” (BONAVENTURA, 1994, n. 16, 2.). Assim, “Jesus Cristo é a última palavra de Deus – nele Deus disse tudo, doando-se e proclamando-se a si mesmo. Mais do que Ele mesmo, Deus não pode dizer, nem doar. O Espírito Santo é Espírito do Pai e do Filho. O próprio Cristo diz do Espírito Santo: “...ensinar-vos-á tudo o que vos tenho dito” (Jo 14,26), “receberá do que é meu para vo-lo anunciar” (Jo 16,15). Portanto, não existe outro Evangelho mais excelso, não há outra Igreja a esperar. Por isso, até a Ordem de São Francisco deve inserir-se nesta Igreja, na sua fé, no seu ordenamento hierárquico” (BENTO XVI, 2010). Porém, isto não quer dizer que para Boaventura a história, a Igreja seja estática, fixa no passado, contrária à novidade. Como escreve o papa Bento XVI, comentando sobre a teologia de Boaventura, “Opera Christi non deficiunt, sed proficiunt”, as obras de Cristo não regridem, não vêm a faltar, mas progredem, diz o Santo na Carta *De tribus quaestionibus*. Assim São Boaventura formula explicitamente a ideia de progresso, e esta é uma novidade em relação aos Padres da Igreja e a uma grande parte dos seus contemporâneos. Para São Boaventura Cristo não é mais, como era para os Padres da Igreja, o fim, mas o centro da história; com Cristo, a história não termina, mas começa um novo período” (BENTO XVI, 2010.).

⁸ Como diz Bento XVI, “é significativo recordar o título da tese que ele defendeu para ser habilitado ao ensino da teologia, a *licentia ubique docendi*, como então se dizia. A sua dissertação tinha como título *Questões sobre o conhecimento de Cristo*. Este argumento mostra o papel central que Cristo teve sempre na vida e no ensinamento de Boaventura. Sem dúvida, podemos dizer que todo o seu pensamento foi profundamente cristocêntrico” (BENTO XVI, 2010.).

Nesta Santa Igreja, difundida e espalhada pelo mundo, cooperando o Espírito Santo, variamente distinta e uniformemente unida, preside só Cristo Pontífice como sumo gerarca, que dispensa na Igreja, com ordem, estupenda dignidade e tarefas e distribui os dons carismáticos (BONAVENTURA, 1992, n. 40).

Uma primeira constatação sobre o *Hexaëmeron* no que diz respeito ao tema sobre a Igreja é o título, onde encontramos a palavra “Igreja” (*Collationes in Hexaëmeron siue Illuminationes Ecclesiae* - Colações sobre o *Hexaëmeron* ou as iluminações da Igreja), embora se saiba que este não é o título dado originalmente por Boaventura, nem pelos compiladores, mas pelos editores posteriores (BOUGEROL, 1994, p. 8 e 78). Porém, o fato de os editores escolherem frequentemente este título nos diz algo muito importante, isto é, que a Igreja é um dos temas tratados, mesmo se não sistematicamente. De facto, “o subtítulo *siue Illuminationes Ecclesiae* precisa melhor o escopo de Boaventura, isto é, iluminar o caminho para Deus não somente do indivíduo, mas esclarecer também ‘os graus do progresso histórico, momentos da vida da inteira humanidade’” (BOUGEROL, 1994, p. 8). Ou seja, Boaventura apresenta nas suas reflexões a importância e a necessidade da Igreja para iluminar as mentes (sendo esta também iluminada) e para a salvação.

A Igreja como iluminação da mente, fundadora da virtude e mediadora

Definição de Igreja

A Igreja para Boaventura é uma comunidade de pessoas racionais que vivem unitariamente por três concordâncias fundamentais (BONAVENTURA, 1994, n. 1,2-1,5):

1. Pela concorde e uniforme observância da Lei divina: para Boaventura, a Lei divina é importante para a unidade da Igreja. A lei divina mostra a cada um como se deve agir e como se deve encontrar a paz. “Quem não olha constantemente a ela não está na unidade da Igreja, e isto porque não a compreende ou, se a compreende, porque não a segue”.
2. Pela concorde e uniforme adesão à paz divina (amor): como a Lei prescreve o amor (1Tm 1,3-5), assim “aqueles que observam a Lei sejam pessoas que amam. A Igreja é assim um amar-se recíproco”.
3. Pela concorde e uniforme consonância no louvor divino (Sal 22,23; 68,27).

Comentando o texto da primeira carta de São Paulo a Timóteo 3,14-15, no qual o Apóstolo se refere à Igreja como coluna e sustentáculo da verdade, Boaventura diz que a Igreja vem assim chamada porque “ilumina a mente e funda a virtude” (BONAVENTURA, 1994, n. 1,3), e todos aqueles que vêm à Igreja “são iluminados mediante a fé e são fundados pela constância da virtude” (BONAVENTURA, 1994, n. 1,3). Ao comparar o Antigo Testamento e o Novo Testamento, Boaventura diz que no AT existe a sinagoga “iniciada, desenvolvida e incompleta”, enquanto no NT existe a Igreja “iniciada, desenvolvida e completada”. Por este motivo, diz o Doutor Seráfico, no Cântico dos Cânticos por três vezes a Igreja aparece louvada, a qual é somente uma e não existem nem podem existir mais Igrejas (Ct 3,10b; 6,10; 8,5) (BONAVENTURA, 1994, n. 15,26; CDF, 2017, p. 614). Nestas palavras, Boaventura mostra a necessidade da Igreja seja para a iluminação das mentes seja para a salvação.

Porém, Boaventura afrontou também o tema sobre o destino da sinagoga. Se a Igreja é uma e não existem outras, se só esta pode iluminar, qual será o destino da Sinagoga?

Para responder a isto, na *Collatio XVI*, o Doutor Seráfico apresenta o que poderíamos chamar de “esperança salvífica do povo judeu”. Ele diz que, no fim, a sinagoga se unirá à Igreja “iniciada, dilatada e consumada” (BONAVENTURA, 1994, n. 16,5). Para Boaventura, o NT é “o tempo da vocação dos gentios e o tempo da vocação dos judeus que terá lugar no fim” (BONAVENTURA, 1994, n. 16,4). Ele ilustra isto recorrendo ao relato do nascimento dos dois filhos de Juda e Tamar, Farés e Zara, presente em Gn 38,27-30:

²⁷ Quando chegou o tempo do parto, parecia que tivesse gêmeos em seu seio. ²⁸ Durante o parto, um deles estendeu a mão e a parteira, tomando-a, atou-lhe um fio escarlate, dizendo: “Foi este que saiu primeiro.” ²⁹ Mas aconteceu que ele retirou a mão e foi seu irmão quem saiu. Então ela disse: “Que brecha te abriste!” E o chamaram de Farés. ³⁰ Em seguida, saiu seu irmão, que tinha o fio escarlate na mão, e o chamaram de Zara.

Comentando esta passagem, Boaventura diz que “os Judeus (“Zara”) acreditaram primeiro, mas imediatamente, na primitiva Igreja, retiraram a mão; mas depois que a totalidade dos povos terá entrado na Igreja (“Farés”), então sairá Zara e o povo dos Judeus se converterá” (BONAVENTURA, 1994, n. 16,4).

A Igreja comparada à lua: mediação da Igreja

Boaventura fala da mediação da Igreja na *Collatio XX*, quando aborda o tema da “Visão da inteligência elevada pela contemplação”, ou seja, a inteligência sublimada pela contemplação. A partir de simbolismos tomados do quarto dia da criação, com o esplendor do sol, com a lua e as estrelas no firmamento, Boaventura diz que a contemplação desta maravilha (a luz do sol, a lua e as estrelas) é possível só se a alma arde de um grande desejo, e a alma imersa na contemplação da luz divina obterá que no seu firmamento – a fé – brilhem o sol, a lua e as estrelas. E este Sol divino com o seu raio unificador transforma em espetáculo a realidade criada; e quando isto acontece em plenitude, a alma se transcende no que Boaventura chama de “excessos mentais” que vão além de qualquer explicação (BONAVENTURA, 1994, n. 20,10), como os gemidos inexprimíveis dos quais fala São Paulo na carta aos Romanos (8,26). Tudo isto se resume, para Boaventura, ao êxtase da caridade.

Porém, esta contemplação do Sol divino não leva à perda da realidade humana dissolvida na transcendência divina. O imediatismo do contacto do Deus amado com a alma não exclui, antes supõe, as mediações temporais e criadas (CATECISMO, 2000, n. 46). A alma não permanece sozinha diante de Deus.

Boaventura diz que “o raio divino ilumina a alma contemplativa através da Igreja” (BONAVENTURA, 1994, n. 20,12). E, assim, compara a Igreja com a lua. A Igreja, como a lua, recebe do Sol divino a luminosidade que por sua vez refrata sobre as almas. Enquanto não nos é dado ainda de olhar diretamente o sol, podemos fixar o olhar sobre a lua, que suaviza e adapta a força da luz solar à nossa debilidade (BONAVENTURA, 1994, n. 20,13). “Quem não a conhece (a luz lunar) não poderá compreender nenhuma coisa” (BONAVENTURA, 1994, n. 20,12).

Porém, diz Boaventura, enquanto o raio divino como o sol não tem obscuridade, não possui sombra, o raio da lua, pelo contrário - e por isso a Igreja, que tem em si obscuridade –, não é totalmente claro, tem obscuridade. Na Igreja militante o raio está presente em figura e em enigma.

Partindo da passagem de Apocalipse 12,1 (“Um sinal grandioso apareceu no céu: uma Mulher vestida com o sol, tendo a lua sob os pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas”), Boaventura diz que a alma que contempla o sol, que é a coisa principal, “quando desce à consideração da Igreja militante tem a lua sob os seus pés, não para desprezá-la, mas para que se funda e se sustente sobre a Igreja. De

facto, a alma não é contemplativa se não se apoia sobre a Igreja como que sobre uma base” (BONAVENTURA, 1994, n. 20,28).

As etapas da Igreja e as Ordens (hierarquia)

Correspondência entre as idades ou etapas da Igreja com os dias da criação

Segundo Boaventura, a Igreja tem sete etapas, e essas correspondem aos seis dias da criação mais o 7º dia, o do descanso divino. No quadro que se apresenta abaixo, constam os tempos (originais, figurais e salvíficos) e as suas correspondências. Nas três colunas nos quais se subdivide a tabela estão apresentados os tempos originais, isto é, da origem (os dias da criação), os tempos figurais (o Antigo Testamento), onde abundaram as figuras dos novos tempos, isto é, os tempos salvíficos (o Novo Testamento), o tempo da Igreja, que vai desde Cristo à Parusia, à paz final, onde Deus será, como diz o Apóstolo, “tudo em todos” (1Cor 15,28).

Existem correspondências de causa entre estas três colunas. Deve-se ler assim: o primeiro dia da criação, isto é, a formação da luz (1ª coluna/originais) é a “causa seminal” da formação da natureza (2ª coluna/figurais), e, por sua vez, a formação da natureza é a “causa seminal” do dom da graça (3ª coluna/salvíficos). E assim sucede com o 2º dia, 3º dia até ao 7º dia. Portanto, cada tempo original é causa seminal de cada tempo figural correspondente, e cada um desses é causa seminal de cada tempo salvífico correspondente.

Tempos		
Originais (Dias da criação)	Figurais (AT)	Salvíficos (NT)/Igreja
1º dia – Formação da luz	Formação da natureza (De Adão até Noé)	Dom da graça (De Cristo e dos Apóstolos até Cle mente, papa)
2º dia – Divisão das águas	Purgação da culpa (De Noé até Abraão)	Batismo no sangue (De papa Clemente até papa Silvestre (porque sob Clemente iniciou uma grande perseguição – 10 perseguições).
3º dia – Fecundação da terra	Eleição do povo de Israel (De Abraão a Moisés)	Norma católica (Do papa Silvestre até ao papa Leão, o primeiro sob o qual foi redigido o Símbolo).
4º dia – Luz sideral	Concessão da Lei (De Moisés a Samuel)	Lei de justiça ⁹ (De Leão até o Doutor Gregório, quando foram redigidas as leis justinianas, os cânones e as regras canônicas e monásticas).
5º dia – Vida que se move	Glória real (De Davi a Ezequias)	Cátedra sublime (Cátedra de Roma) - De Gregório a Adriano
6º dia – Forma humana	Voz profética (De Ezequias/Ozias a Zorobabel)	Clara doutrina (De Adriano -) ¹⁰ .
7º dia – Primeiro silêncio	Silêncio mediano (silêncio dos Profetas – Sap 18,14-15) - De Zorobabel a Cristo	Paz final (Do clamor do Anjo (Ap 10, 6-7).

⁹ “Assim também na Igreja houve cânones, depois as leis foram elaboradas num único corpo através da obra de Justiniano, aquelas leis que antes pertenciam aos pagãos foram assumidas pelos cristãos, e finalmente as regras monásticas, como a do bem-aventurado Bento” (BONAVENTURA, 1994., n. 16, 15).

¹⁰ Para Boaventura, a Igreja ainda vive nesta época, e “é certo que este tempo durará até a derrubada da besta que sobe do abismo, quando Babilônia será confundida e rejeitada, e depois disso haverá paz” (BONAVENTURA, 1994, n. 16,19).

As ordens da Igreja – a hierarquia

Na *Collatio XXII*, Boaventura apresenta aquela que se poderia denominar a “eclesiologia espiritual e sistema ascético-místico de São Boaventura” (BOUGEROL, 1994, p. 33), onde apresenta o reflexo sobre a Igreja da hierarquia celeste (as realidades divinas e angélicas). Boaventura diz que a hierarquia celeste é iluminativa da Igreja militante. Assim, para ele, é necessário que na Igreja militante exista as ordens correspondentes à hierarquia iluminante. Segundo ele, estas todas ordens se distinguem segundo uma maior ou menor perfeição. “Todavia, a comparação acontece segundo os estados, não segundo as pessoas, pois uma pessoa leiga às vezes é mais perfeita que uma religiosa” (BONAVENTURA, 1994, n. 22,23).

Esta hierarquia da Igreja (as ordens) Boaventura a divide em uma tríplice forma: segundo o princípio dos processos, segundo o princípio das ascensões, segundo o princípio dos exercícios.

Na tabela que é apresentada a seguir, as ordens estão divididas em uma tríplice forma ou segundo três princípios. Cada uma das três divisões se divide em três grupos de ordens, e cada uma dessas se divide também em três categorias de ordens. Na segunda coluna (das ordens) as palavras que estão entre parênteses são da hierarquia celeste. Assim, cada ordem terrestre corresponde a uma ordem da hierarquia celeste.

Falando das ordens perfeitivas (sacerdotes, bispos e patriarcas), o Doutor Seráfico fala do primado de Roma. Segundo ele, ocorre que exista um pai dos pais, “o Papa”. Todavia, ele por humildade tem 4 patriarcas: constantinopolitano, alexandrino, gerusalemitano, antioqueno. Desses, segundo Boaventura, fala Isaías (Is 19,18). Roma, como o sol, tem universalmente a plenitude da potestade sobre todos os patriarcados. Estas três ordens perfeitivas (sacerdotes, bispos, patriarcas), segundo Boaventura, não se devem à atribuição de um novo carácter, porque não há nenhum grau além do sacerdócio, mas se deve à eminência e potestade. De facto, na obra *In IV Sent.*, Boaventura considera que a distinção entre o bispo e o presbítero não se deve à ordem sacramental, mas à dignidade do ofício. No bispo “*nec novus character imprimitur, nec nova potestas datur, sed potestas data ampliatur*” (IV, 633b; BONAVENTURA, 1994, p. 408, citação 6). Recorde-se que foi só no Concílio Vaticano II que se considerou o episcopado como verdadeiro sacramento, ápice sacramental da comunicação do ministério ordenado, e não um mero acréscimo de jurisdição conferido pelo papa ou imediatamente por Deus (LG, n. 22; ALMEIDA, 2004, p. 39).

Na última ordem, a do terceiro princípio (vida passiva; ordens sopraelevantes/contemplativas), Boaventura vê a consumação final da Igreja neste mundo. Porém, para ele não parece assim futuro. Como escreve Riviera Ventosa, “Ni frío, como Tomás de Aquino, ni exaltado, como Joaquín de Fiore, San Bonaventura desea y prevé un mundo con menos deficiencias. Sueña despierto y con equilibrio en un mundo mejor” (VENTOSA, 1976, 779-808 apud BONAVENTURA, 1994, p. 408, citação 6)¹¹.

As ordens da Igreja		
Princípios	Ordens	Descrição
1. Segundo o princípio dos processos	Os fundamentais – <i>respondem ao Pai</i>	A ordem patriarcal (Tronos)
		A ordem profética (Querubins)
		A ordem apostólica (Serafins)

¹¹ Para o texto de Ventosa, consultar: VENTOSA, Enrique Rivera de, Tres visiones de la historia: Joaquín de Fiore, san Bonaventura y Hegel. Estudio comparativo. In: *San Bonaventura Maestro di vita francescana e di sapienza cristiana*, I, Pontificia Facoltà Teologica “San Bonaventura”, Roma 1976, pp. 779-808.

As ordens da Igreja			
Princípios	Ordens		Descrição
	Os promoventes – respondem ao Filho	Mártires (Dominações)	Pelo sangue destes, a Igreja foi purificada e dilatada ¹² .
		Confessores (Virtudes)	No tempo dos confessores, a Igreja foi contrastada pelos heréticos, mas depois nos Concílios a heresia foi destruída e a fé da Igreja foi maiormente esclarecida.
		Virgens (Potestades)	Mulheres e homens
	Os aperfeiçoadores – respondem ao Espírito Santo	Presidentes (Principados)	Os prelados de qualquer autoridade
		Magistrados (Arcanjos)	Aqueles que ensinam a filosofia, ou a lei, ou teologia, ou qualquer boa arte.
		Regulares (Anjos)	Monges
2. Segundo o princípio das ascensões ou graus eclesiásticos.	Purgativos – destinados a purificar	Ostiários (Anjos)	
		Leitores (Arcanjos)	
		Exorcistas (Principados)	
	Iluminativos – destinados a iluminar	Acólitos (Potestades)	Levam os círios.
		Subdiáconos (Virtudes)	Leem a Palavra (as cartas).
		Diáconos (Dominações)	Leem o Evangelho e pregam.
	Perfetivos	Sacerdotes (Tronos)	
		Bispos (Querubins)	
		Patriarcas (Serafins)	
3. Segundo o princípio dos exercícios	Vida ativa – os leigos	Sagradas plebes (Anjos)	
		Sagrados cónsules (Arcanjos)	
		Sagrados príncipes (Principados)	
	Vida mista – os clérigos	Ministerial (Potestades)	
		Sacerdotal (Virtudes)	
		Pontifical (Dominações)	
	Vida passiva – monges/contemplativos	Suplicantes (Tronos)	Dedicam-se somente à oração, à devoção e ao louvor divino (Ex.: os Cistercienses, os Premostratenses, os Cartusianos, os Grandimonteses, os Canônicos Regulares)
		Especulativos (Querubins)	Dedicam-se à especulação da Escritura. Esses são os Pregadores (que se dedicam, antes de tudo, à especulação e depois à unção) e os Menores (dedicam-se à unção e depois à especulação).
		Sobreelevados (Serafins)	Dedicam-se a Deus segundo o modo sursumativo, isto é, extático ou excessivo. A eles parece ter pertencido Francisco ¹³ .

Traços da Ecclesiologia de Boaventura na *Lumen Gentium*

A constituição dogmática do Concílio Vaticano II sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, cita Boaventura duas vezes (notas 140 e 149, relativas aos números 44 e 49, respetivamente), embora em nenhuma das citações se refira diretamente às *Collationes in Hexaëmeron*. Porém, nota-se claramente

¹² Vê-se aqui um pensamento semelhante àquele de Tertuliano, segundo o qual “o sangue dos mártires é semente dos cristãos” (TERTULIANO, 2022, n. 50,13).

¹³ Diz-se que uma pessoa é sursumativa quando é constantemente levada a agir para o alto no êxtase.

traços bonaventurianos na *Lumen Gentium*, embora nem todas as ideias sejam exclusivamente de Boaventura, mas pertençam a um patrimônio teológico mais amplo, como é o caso da ideia de Cristo como o sol e da Igreja como a lua, que é uma ideia que já se encontra nos Padres da Igreja¹⁴. Portanto, muitos são os traços da ecclesiolgia bonaventuriana na *Lumen Gentium*. Porém, numa espécie de resumo, apresentamos aqui estes traços tendo em conta 3 aspetos: cristocêntrico, bíblico e espiritual-ascético.

1º - Cristocêntrico: o primeiro aspeto a ter em conta é o aspeto cristocêntrico. A teologia bonaventuriana, em particular a sua ecclesiolgia, é profundamente cristocêntrica, pois segundo ele na Igreja governa Cristo Pontífice, luz dos Povos do qual a Igreja é como a lua, que iluminada por este Sol, Cristo, ilumina, por sua vez, a todos os homens. Assim, por sua natureza vicária, a Igreja depende totalmente de Cristo, do qual é corpo místico. A *Lumen Gentium* apresenta esta característica já no início da sua constituição, quando no proêmio diz:

A luz dos povos é Cristo: por isso, este sagrado Concílio, reunido no Espírito Santo, deseja ardentemente iluminar com a Sua luz, que resplandece no rosto da Igreja, todos os homens, anunciando o Evangelho a toda a criatura [...] para que deste modo os homens todos, hoje mais estreitamente ligados uns aos outros, pelos diversos laços sociais, técnicos e culturais, alcancem também a plena unidade em Cristo (LG 1).

Como escreve Lopes, comentando este primeiro número,

Tudo começa em Cristo, com Cristo e por Cristo. O início da Constituição é decisivo para entendê-la por inteiro [...] De Cristo a Igreja é sacramento, sinal elevado em meio às nações. As pessoas do nosso tempo, como os gregos pediram a Filipe, querem ver Cristo. Esclarecendo a sua missão, a Igreja tem maiores condições de anunciá-lo em plenitude (LOPES, 2017, p. 35).

É a partir desta perspetiva cristológica (“A luz dos povos é Cristo”) que se articulam as outras duas perspetivas: a perspetiva ecclesiológico-sacramental (“a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano”) e a perspetiva antropológica (“para que deste modo os homens todos, hoje mais estreitamente ligados uns aos outros, pelos diversos laços sociais, técnicos e culturais, alcancem também a plena unidade em Cristo”), presentes neste proêmio (ALMEIDA, 2004, p. 21-22).

Tenha-se em conta que, no espírito do *aggiornamento* que caracterizou o inteiro Concílio Vaticano II, uma das grandes transições que foram realizadas pela *Lumen Gentium* foi mesmo a de “uma Igreja voltada para si a uma Igreja voltada para Cristo” (ALMEIDA, 2004, p. 20), pois, como disse Paulo VI no discurso de abertura do segundo período do Concílio, é d’Ele que “vimos, por quem vivemos e para o qual caminhamos” (PAULO VI, 1963). Assim, a Igreja não se pode definir por si mesma, como tendo finalidade em si mesma, e ela será tanto fiel ao seu divino Mestre quanto mais for consciente dessa verdade. Aliás, como diz o nº 8 da *Lumen Gentium*: “a estrutura social da Igreja serve ao Espírito de Cristo, que a vivifica, para fazer progredir o seu corpo místico (cf. Ef 4,16)”.

¹⁴ “Se nós também quisermos ser como o céu, teremos em nós os luminares que nos podem iluminar, Cristo e a Igreja. Ele, de fato, é a luz do mundo, que ilumina também a Igreja com a sua luz... E a Igreja, recebendo a luz de Cristo, ilumina todos aqueles que se encontram na noite da ignorância” (ORÍGENES, In Genesim Homilia prima, em: PG, XII, 150); “Cristo veio como luz dos povos, apareceu como um esplendor benéfico para a salvação dos homens” (CIPRIANO, De unitate Ecclesiae 3, em: PL 4, 512) apud ALMEIDA, 2004, p. 20.

Ora, por sua função vicária, a Igreja é necessária para a salvação¹⁵. Como vimos, ao apresentar a Igreja como a lua, que tem como finalidade adequar a luz solar à nossa incapacidade já que não podemos olhar o Sol diretamente, Boaventura apresenta a questão da necessidade da mediação da Igreja para a salvação, criticando assim qualquer espécie de “personalismo” da salvação. A *Lumen Gentium* apresenta estas ideias nos números 1, 7, 14 e 48. Como diz a *Lumen Gentium* 7:

O sagrado Concílio volta-se primeiramente para os fiéis católicos. Fundado na Escritura e Tradição, ensina que esta Igreja, peregrina sobre a terra, é necessária para a salvação. Com efeito, só Cristo é mediador e caminho de salvação e Ele torna-Se-nos presente no Seu corpo, que é a Igreja; ao inculcar expressamente a necessidade da fé e do Baptismo (cfr. Mc. 16,16; Jo. 3,15), confirmou simultaneamente a necessidade da Igreja, para a qual os homens entram pela porta do Baptismo. Pelo que, não se poderiam salvar aqueles que, não ignorando ter sido a Igreja católica fundada por Deus, por meio de Jesus Cristo, como necessária, contudo, ou não querem entrar nela ou nela não querem perseverar.

O que se diz do próêmio, se pode dizer também de todo o documento. Ora, apesar de ser cristocêntrica, a eclesiologia da *Lumen Gentium*, na linha da eclesiologia bonaventuriana, não é cristomonista¹⁶. Como diz Almeida,

A eclesiologia da *Lumen gentium* [...] não é cristomonista, crítica que os orientais geralmente faziam à eclesiologia católica, mas trinitária. Na referência trinitária, está, não só uma das mais importantes, mas a principal chave de leitura não só da Constituição, mas de toda a obra eclesiológica do Concílio. Com efeito, na Trindade, a Igreja encontra a sua fonte (de onde vem?), a sua imagem (o que é a Igreja e como se deve estruturar?) e a sua meta (para onde vai a Igreja no seu peregrinar?). Portanto, “o Mistério da Igreja só se explica à luz da Trindade... Todos os ensinamentos do Concílio sobre o mistério da Igreja estão marcados com o “selo da Trindade” (ALMEIDA, 2004, p. 22).

Uma outra ideia apresentada por Boaventura é a da unicidade da Igreja (BONAVENTURA, 1994, n. 15,26). Na verdade, uma só é a Igreja de Cristo, a qual subsiste, como dirá a *Lumen Gentium*, na Igreja Católica (LG 8). A Congregação para a Doutrina da Fé, em 2007, emitiu um documento intitulado “Respostas a algumas perguntas relativas a certos aspetos da doutrina sobre a Igreja”, na qual explicita esta expressão *subsistit in*. Segundo este documento, a afirmação de que “a Igreja de Cristo subsiste na Igreja Católica” deve entender-se no sentido de que

Cristo “constituiu sobre a terra’ uma única Igreja e instituiu-a como ‘grupo visível e comunidade espiritual”, que desde a sua origem e no curso da história sempre existe e existirá, e na qual só permaneceram e permanecerão todos os elementos por Ele instituídos. ‘Esta é a única Igreja de Cristo, que no Símbolo professamos como sendo una, santa, católica e apostólica [...]. Esta Igreja, como sociedade constituída e organizada neste mundo, subsiste na Igreja Católica, governada pelo Sucessor de Pedro e pelos Bispos em comunhão com ele’. Na Constituição dogmática *Lumen gentium* 8, subsistência é esta perene continuidade histórica e a permanência de todos os elementos instituídos por Cristo na Igreja católica, na qual concretamente se encontra a Igreja de Cristo sobre esta terra. Enquanto, segundo a doutrina católica, é correcto afirmar que, nas Igrejas e nas comunidades

¹⁵ Enquanto não nos é dado ainda de olhar diretamente o sol, podemos fixar o olhar sobre a lua, que suaviza e adapta a força da luz solar à nossa debilidade” (BONAVENTURA, 1994, n. 20,13). “Quem não a conhece (a luz lunar) não poderá compreender nenhuma coisa” (BONAVENTURA, 1994, n. 20,12).

¹⁶ Boaventura o mostra claramente no *Hexaëmeron*. Ele querendo responder ao espiritomonismo de Joaquim de Fiore, que defendia o imperialismo do Espírito Santo, apresenta o seu cristocentrismo, mas não de um Cristo isolado, mas que trabalha junto com o Pai e o Espírito Santo, ou seja, o seu cristocentrismo não coloca em causa a Trindade. Exemplo disso, são as ordens da Igreja (a hierarquia) cuja tabela foi apresentada nas páginas anteriores, onde algumas respondem ao Pai, outras ao Filho e outras ainda ao Espírito Santo.

eclesiais ainda não em plena comunhão com a Igreja católica, a Igreja de Cristo é presente e operante através dos elementos de santificação e de verdade nelas existentes, já a palavra 'subsiste' só pode ser atribuída exclusivamente à única Igreja católica, uma vez que precisamente se refere à nota da unidade professada nos símbolos da fé (Creio... na Igreja "una"), subsistindo esta Igreja "una" na Igreja católica (CDF, 2017, p. 614).

O mesmo documento explicita, no entanto, o facto de se usar a expressão "subsiste na" e não a forma verbal "é". A Congregação para a Doutrina da Fé explica que o seu uso

encontra [...] a sua razão de verdade no facto de exprimir mais claramente como, fora do seu corpo [do corpo da Igreja], se encontram "diversos elementos de santificação e de verdade", "que, sendo dons próprios da Igreja de Cristo, impelem para a unidade católica" (CDF, 2017, p. 614).

Nesta linha, e apesar de e sem diminuir o seu cristocentrismo e a necessidade objetiva da Igreja para a salvação, Boaventura nos apresenta a questão da "esperança salvífica dos judeus", tema também tratado pelo Concílio Vaticano II. Para Boaventura, no final dos tempos, a sinagoga se unirá à Igreja. Para ele, o NT é o tempo da vocação dos gentios, mas depois que a totalidade dos povos tiver entrado na Igreja, o povo judeu se converterá. Tanto a Constituição dogmática *Lumen Gentium* quanto a Declaração *Nostra Aetate* apresentam a Igreja que tendo sido prefigurada já desde a origem do mundo, "foi preparada admiravelmente na história do povo de Israel e na antiga aliança" (LG 2; NA 4). Como diz o Apóstolo, do povo judeu "é a adopção filial e a glória, a aliança e a legislação, o culto e as promessas; deles os patriarcas, e deles nasceu, segundo a carne, Cristo" (Rom 9,4-5). Mas, "segundo o testemunho da Sagrada Escritura, Jerusalém não conheceu o tempo em que foi visitada" (NA 4; Lc 19,44). No entanto, como diz a *Nostra Aetate*,

segundo o Apóstolo, os judeus continuam ainda, por causa dos patriarcas, a ser muito amados de Deus, cujos dons e vocação não conhecem arrependimento. Com os profetas e o mesmo Apóstolo, a Igreja espera por aquele dia, só de Deus conhecido, em que todos os povos invocarão a Deus com uma só voz e "o servirão debaixo dum mesmo jugo" (Sof 3,9) (NA 4).

O pensamento boaventuriano que abre a um diálogo judeu-cristão, respaldado pela eclesiologia conciliar, abre, por assim dizer, a um sadio diálogo interdominacional cristão, inter-religioso e intercultural, o que é um grande desafio da eclesiologia atual. Como diz Wiedenhofer:

Uma eclesiologia que faça justiça à atualidade e ao futuro deve (...) ser desenvolvida em primeiro lugar dentro do diálogo interdenominacional, isto é, ao serviço da unidade a ser reconquistada entre as Igrejas e comunidades cristãs dentro da Igreja una, em segundo lugar no diálogo judeu-cristão, isto é, a serviço da reconciliação do antigo e do novo povo de Deus, e finalmente, em terceiro lugar, no diálogo inter-religioso e intercultural, isto é, a serviço da unidade da fé em Deus em meio à diversidade das culturas (WIEDENHOFER, 2022, p. 52-53).

2º. Bíblico: a dimensão bíblica da eclesiologia boaventuriana no *Hexaëmeron* é claramente notável¹⁷, o que é característica de toda a sua teologia¹⁸. Exemplo desta força bíblica na sua eclesiologia

¹⁷ "No pensamento de São Boaventura, o estudo da Escritura é de importância primária. Distingue em tal estudo quatro sentidos: o literal, o analógico, o anagógico e o tropológico" (BONAFEDE, 1963, p. 65).

¹⁸ Para Boaventura, o homem tendo perdido a graça por causa do pecado, é a Escritura que o ajuda na obra da restauração da amizade com Deus, e assim, ela é um pedagogo que nos guia a Cristo e assim alcançar a graça, a sabedoria e a salvação. Por isso, "a Escritura é como um alimento saboroso, e a alma que se nutre dela é considerada como um horto divinamente cultivado, é considerada um 'paraíso',

é a comparação que ele faz das idades da Igreja (desde Adão até Cristo) com os dias da criação, e o recurso diversas vezes à leitura simbólica dos textos bíblicos relativos à Igreja, na esteira dos santos Padres da Igreja.

O nº1 da *Lumen Gentium*, de que fizemos referência acima, é testemunha já deste sabor bíblico e patrístico, o que demonstra como na *Lumen Gentium* se encontra uma linguagem imagética e “tipológica”, ultrapassando-se a linguagem conceitual e jurídica. Como diz Almeida,

A Constituição dogmática “*Lumen gentium*” sobre a Igreja abre-se, não com a linguagem abstrata de um conceito, mas com uma imagem de forte colorido bíblico (Mt 4,16; Lc 2,32; Jo 1,15; 3,19; 8,12; 12,35; At 13,47) e patrístico: a imagem da luz (ALMEIDA, 2004, p. 19).

Continuando a constituição,

a Igreja é vista na sua prefiguração veterotestamentária. A seguir, ela é apresentada na sua ação sob o impulso do Espírito Santo que a atualiza pela dinâmica sacramentária. E toda a vivência eclesial consumir-se-á na parusia, na Igreja celeste, quando Deus será tudo em todos. Esta apresentação tipológica serve-se daqueles momentos iniciais do caminho histórico da Igreja, vivido pelos Padres em suas respectivas comunidades (LOPES, G., 2017, p. 16-17).

Assim, toda a constituição vai apresentando esta carga bíblico-tipológica, haja vista o fato de quase todos os seus 69 números trazerem citações bíblicas, com exceção dos números 15, 29, 31, 43, 44, 46, 47, 53, 61, 62, 64, 67 e 69, mas, mesmo assim, muitos destes embora não façam uma referência direta, sentem-se nos seus textos um pano de fundo bíblico. Exemplo disso é o número 15, que fala das relações da Igreja com os cristãos não-católicos, reconhecendo a unidade que Igreja católica tem com os cristãos que “não mantêm a unidade de comunhão sob o sucessor de Pedro”. Este número apresenta muitos aspectos de unidade, entre os quais a veneração por muitos deles da Sagrada Escritura como norma de fé, a crença em Deus Pai e em Cristo Salvador, são marcados pelo batismo, e diz que “o Espírito suscita em todos os discípulos de Cristo o desejo e a ação, para que todos, do modo estabelecido por Cristo, unam-se pacificamente, num só rebanho, sob um único Pastor”. Não há dúvidas da referência nestas últimas palavras à passagem de Jo 10,16.

3º Espiritual ou ascético-místico: a ecclesiolgia de Boaventura é espiritual ou ascético-mística pois para ele a hierarquia celeste é iluminativa da Igreja militante, como vimos no quadro sobre as ordens da Igreja. É claro que na *Lumen Gentium* não aparece a mesma estrutura, ultrapassada pelo tempo, pelas necessidades da Igreja e também pelo desenvolvimento do pensamento ecclesiológico. É o caso, por exemplo, dos subdiáconos, categoria que hoje na Igreja não existe.

Esta ecclesiolgia espiritual ou ascético-mística não é nem espiritualizante ou a-histórica – pois é mesmo esta a crítica que Boaventura fazia à ideia espiritomonista de Joaquim de Fiore -, nem também somente visível e institucional, mas apresenta, ou pelo menos sugere, uma Igreja que ao mesmo tempo é visível e invisível. A *Lumen Gentium*, ao comparar a Igreja mistério ao mistério da encarnação do Verbo, afirma que “a estrutura social da Igreja serve ao Espírito de Cristo que a vivifica, para fazer progredir o seu corpo místico (cf. Ef 4,16)” (LG 8). A Igreja é, assim, ao mesmo tempo visível e invisível, duas dimensões não independentes uma da outra, mas “realidade única e complexa, em que se fundem dois elementos, o humano e o divino” (LG 8). Tenha-se de vista que o Concílio Vaticano II foi um grande

um paraíso terrestre, rico de infinitas doçuras. ‘Ex autem anima paradisis, in qua plantata est Scriptura, et habet mirabiles suavitates et decores’ (XVII, 3)” (BONAFEDE, 1963, p. 67).

marco para ultrapassar a categoria de “*societas* (sociedade) para dizer a realidade da Igreja “fruto de uma eclesiologia cristomonista, e por consequência, visibilista e institucional, própria do segundo milênio cristão (ALMEIDA, 2004, p. 27), para uma Igreja entendida como “*mysterion*” (mistério), com cujo termo “os Padres conciliares pretendiam designar a Igreja como “uma realidade divina transcendente e salvífica, que se revela e se manifesta de um modo visível” (ALMEIDA, 2004, p. 28). Esta Igreja “mistério” é o tema do primeiro capítulo da *Lumen Gentium*.

Um facto digno de nota é também a insistência de Boaventura em deixar claro de que a comparação nas ordens da Igreja (hierarquia) que ele apresenta é “segundo os estados, e não segundo as pessoas, pois uma pessoa leiga às vezes é mais perfeita que uma religiosa” (BONAVENTURA, 1994, n. 22,23.), afirmando com isso que todos na Igreja, independentemente do estado de vida, são chamados à santidade. O capítulo IV da *Lumen Gentium* é mesmo sobre a vocação universal à santidade: “todos na Igreja, quer pertençam à Hierarquia quer por ela sejam pastoreados, são chamados à santidade, segundo a palavra do Apóstolo: ‘esta é a vontade de Deus, a vossa santificação’ (1 Tess. 4,3; cfr. Ef. 1,4)” (LG 39). Ademais, na Igreja há uma igualdade fundamental que provém do batismo, fundamento da santidade, e uma desigualdade funcional¹⁹ segundo os estados de vida e carismas que o Espírito dispensa a cada um “para o proveito comum” (1Cor 12,7).

Conclusão

Boaventura, no epílogo das *Collationes in Hexaëmeron*, mostra que todo o seu desejo e pensamento foi apresentar Cristo, o centro da história e da vida de cada um: “Eu quis conduzir-vos a esta árvore da vida” (BONAVENTURA, 1994, n. 23,31.). E porque desejou isso, ele apresentou a Igreja como aquela realidade que iluminada pelo Sol divino, pode, como a lua, iluminar o género humano e mostrar o caminho para a salvação, e assim todos terem acesso a Cristo. É o que procuramos mostrar nestas páginas, onde apresentamos a eclesiologia de S. Boaventura na sua obra *Collationes in Hexaëmeron* e seus traços na *Lumen Gentium*. Este percurso levou-nos a revisitarmos a eclesiologia deste importante teólogo do medievo e deste documento conciliar, cujas linhas definem as pegadas da Igreja hoje, chamada cada vez mais a ser consciente da sua identidade e missão. Notamos na *Lumen Gentium* uma eclesiologia que vai beber das “fontes”, e no caso vertente, de Boaventura, e num esforço não repetitivo, mas de permanente “fidelidade criativa”, ela apresentou um novo rosto da Igreja, que encontra o seu fundamento em Cristo.

Sessenta anos depois da promulgação da constituição dogmática *Lumen Gentium*, o aspeto cristológico e cristocêntrico talvez seja hoje um dos quais a Igreja é chamada a ter mais consciência, como núcleo a partir do qual ela é chamada a renovar toda a sua identidade e missão. Na verdade, ela não tem forças nem fim em si mesma, mas os tem em Cristo, do qual ela tem uma identidade e função sacramental. De Cristo é que advém a sua natureza, sua permanente renovação, e também a sua força, importância e a sua razão de ser.

Como diz o Papa Francisco na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, citando a carta encíclica *Eclesiam suam* (6 agost. 1964) do Papa S. Paulo VI, é de Cristo que vem a permanente renovação da Igreja, quando esta é capaz de “comparar a imagem ideal da Igreja, tal como Cristo a viu, quis e amou, ou seja,

¹⁹ Entenda-se “variedade” ou “diversidade”.

como sua Esposa santa e imaculada (Ef 5, 27), com o rosto real que a Igreja apresenta hoje” (ES 4 apud EG 26). Olhar a Cristo é uma das grandes formas de a Igreja não se mundanizar nem ideologizar.

Um olhar a Cristo nos levará também a amar a sua esposa, a Igreja. Por isso, é necessário superar a tendência hodierna cada vez mais difusa de “Cristo sim, Igreja não” (WIEDENHOFER, 2022, p. 51; BRIGHENTI, 2021, p. 164)²⁰. Como alertou o Papa Francisco na homilia na missa de 30 de janeiro de 2014, na capela de Santa Marta: “O cristão não é um batizado que vai pela sua estrada (...) É um absurdo amar a Cristo e não a Igreja” (FRANCESCO, 2014). Portanto, por muitas feridas que se podem apresentar no rosto da Igreja, urge amá-la, urge superar esta dicotomia, pois “o testemunho de Cristo faz-se como Igreja e em união com ela. Nela nós nascemos como cristãos, nela professamos a fé, dentro dela nós esperamos os novos céus e a nova terra, quando Deus será tudo em todos” (Ap 21,1; 1 Cor 15,28; MACUMO, 2010, p. 102).

Referências

- ALMEIDA, A. J. de. Lumen Gentium: a transição necessária. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 39, n. 3, p. 5-41, 2004.
- BENTO XVI, PP. *Audiência Geral*. São Boaventura de Bagnoregio (1). Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100303.html. Acesso em: 09 set. 2023.
- BENTO XVI, PP. *Audiência Geral*. São Boaventura de Bagnoregio (2). Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100310.html. Acesso em: 09 set. 2023.
- BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 17. impr. São Paulo: Paulus, 2022.
- BONAFEDE, G. Significato delle “Collationes” Bonaventuriane. *Doctor Seraphicus*, anno 10, n. anuale, p. 41-79, agost. 1963. Disponível em: http://www.doctorseraphicus.it/images/annate/1963_Bonafede.pdf. Acesso em: 25 out. 2023.
- BONAVENTURA da Bagnoregio. Collationes in Hexaëmeron. In: *Opere di San Bonaventura. Sermoni Teologici/1. Vol. VI/1*. Roma: Città Nuova, 1994. p. 329-449.
- BONAVENTURA da Bagnoregio. Lignum vitae. In: *Opere di San Bonaventura. Opuscoli Spirituali. Vol. XIII*. Roma: Città Nuova, 1992. p. 205-263..
- BOUGEROL, J.G. Introduzione alle *Collationes in Hexaëmeron*. In: *Opere di san Bonaventura. Sermoni Teologici/1. Vol. VI/1*. Roma: Città Nuova, 1994. [s.p.].
- BOUGEROL, J.G. *Introduzione generale*. Opere di San Bonaventura. Roma: Città Nuova, 1990.
- BRIGHENTI, A. *A Pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. Valencia: Siquem; São Paulo: Paulinas, 2021.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2000.

²⁰ Para um estudo aprofundado sobre o tema, consultar: KASPER, W.; MOLTMANN, J., *Gesù sì, Chiesa no?*, Brescia: Queriniana, 1974.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição dogmática sobre a Igreja Lumen Gentium*. São Paulo: Paulinas, 2011.

CONCÍLIO VATICANO II. *Declaração sobre a Igreja e as religiões não-cristãs Nostra Aetate*. Paulo: Paulinas, 2004.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Respostas a algumas perguntas relativas a certos aspectos da doutrina sobre a Igreja. In: CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Documenta*. Brasília: Edições CNBB, 2017. p. 612-615.

FRANCESCO. *Meditazione mattutina nella cappella della Domus Sanctae Marthae*. Tra Cristo e la Chiesa nessuna dicotomia. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/it/cotidie/2014/documents/papa-francesco-cotidie_20140130_sensus-ecclesiae.html. Acesso em: 7 jan. 2024.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

KASPER, W.; MOLTSMANN, J. *Gesù sì, Chiesa no?* Brescia: Queriniana, 1974.

LOPES, G. *Lumen Gentium*. Texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2017.

MACUMO, M. A. *La Chiesa come sacramentum salutis: la salvezza nell'ecclesologia di Yves Congar*. 2016. 111 p. Dissertação de Mestrado em Teologia Dogmática. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, 2016.

PAULO VI. *Discurso na solene inauguração da 2ª seção do Concílio Vaticano II*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19630929_concilio_vaticano-ii.html. Acesso em: 20 out. 2023.

TERTULIANO. *Apologético; O Pálio*. São Paulo: Paulus, 2022.

WIEDENHOFER, S. Ecclesiolgia. In: SHNEIDER, T. (Org.). *Manual de Dogmática. Vol. II*. Petrópolis: Vozes, 2022. p. 50-142.

RECEBIDO: 16/02/2024
APROVADO: 07/04/2024

RECEIVED: 02/16/2024
APPROVED: 04/07/2024